

**ALICE STEFANIA CURI
LÍDIA OLINTO DO VALLE SILVA
MÔNICA FERREIRA GASPAR DE OLIVEIRA**

CORPOS SINGULARES PARA UMA CENA PLURAL – LEVANTAMENTO DE PESQUISAS ACADÊMICAS E ARTIGOS RECENTES QUE DISCUTEM ARTES CÊNICAS E DEFICIÊNCIA NO BRASIL E NO EXTERIOR

Resumo

>

O artigo apresenta breves considerações historiográficas sobre a pessoa com deficiência na história e na artes da cena, além do resultado de busca realizada, prioritariamente, no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, sobre pesquisas de artes cênicas e deficiência no Brasil entre 2015-2022 e no exterior entre 2015-2020, trazendo pequena síntese de alguns desses trabalhos.

Palavras-chave:

Deficiência. Artes Cênicas. Pesquisas.

CORPOS SINGULARES PARA UMA CENA PLURAL - LEVANTAMENTO DE PESQUISAS ACADÊMICAS E AR- TIGOS RECENTES QUE DISCUTEM ARTES CÊNICAS E DEFICIÊNCIA NO BRASIL E NO EXTERIOR

Alice Stefania Curi¹

Lidia Olinto do Valle Silva²

Mônica Ferreira Gaspar de Oliveira³

¹ Professora Associada do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília. Coordena, em parceria com a Professora Rita de Almeida Castro, o grupo de pesquisa Poéticas do Corpo (DGP/CNPq), que abriga, dentre outras, a linha de pesquisa Dramaturgias do Corpo Cênico e o laboratório artístico Teatro do Instante. Sua pesquisa vem se concentrando especialmente em pedagogias e dramaturgias do corpo cênico. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5746-4362>. Email: alicestefania@gmail.com

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UNICAMP com bolsa concedida pela FAPESP. Fez pós-doutorado na UnB no PPGCEN. Desde 2018 é professora na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes (FADM), Brasília, na graduação (bacharelado e licenciatura em artes cênicas) e pós-graduação (especialização em direção teatral). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5661-6205>. Email: lidiaolinto@gmail.com.

³ Doutoranda em Literatura e outras artes (UnB - 2023) e mestra em Artes Cênicas (UnB-2020). É atriz, escritora e diretora teatral, atuando principalmente com grupos teatrais com pessoas com e sem deficiência. Leciona sobre teatro com foco em acessibilidade e inclusão, diversidade, além de pesquisar questões ligadas ao universo feminino e feminista. Dirigiu os espetáculos acessíveis: Diversos dias (2013), O improvável amor de Luh Malagueta e MC Limonada (2016-2019), Somos como somos, não cromossomos (2021) e Conversa de Drags. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7886-0308>. Email: monicafgo@gmail.com.

O artigo apresenta breves considerações historiográficas sobre a pessoa com deficiência na história e na artes da cena, além do resultado de busca realizada, prioritariamente, no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, sobre pesquisas de artes cênicas e deficiência no Brasil entre 2015-2022 e no exterior entre 2015-2020, trazendo pequena síntese de alguns desses trabalhos.

Os desdobramentos da convivência social nunca absolveram o corpo. Na História ocidental o corpo tem sido experimentado predominantemente como uma zona de controle e poder, subjugado por ordens, estigmas, deveres, moral, capital, produtividade, desejos. Qualquer corpo. Passando pelo controle do corpo feminino em toda tradição patriarcal, repulsa aos corpos que performam gêneros não normativos, extermínio de corpos indígenas, exploração de corpos negros desde o período colonial e persistentes ainda hoje. Nenhum corpo se furta às determinações sociais e todos são dóceis a sua maneira, como vaticina Foucault, “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (1987, p. 163). Em alguma medida qualquer corpo se dociliza para atender diferentes exigências sociais.

Sobre os corpos das pessoas com deficiência ao longo da história, Oto Marques Silva (1986) adverte que o nascimento destas, da Antiguidade e Idade Média, era, em algumas sociedades, encarado como castigo divino, e as crianças sofriam barbaridades, desde isolamentos e aprisionamentos, até assassinatos por afogamentos (SILVA, 1986, p. 06). José Tonezzi (2011) salienta que, do Renascimento até o século XIX, os assassinatos passaram a ser proibidos e a ciência buscou uma explicação racional para as singularidades físicas e comportamentais, catalogando as atipicidades e indicando tratamentos. O autor também sublinha que pessoas com diferentes condições físicas passaram, então, a se apresentar em eventos públicos ou privados, os chamados “*freak shows*”, exibindo seus corpos despadronizados, como aqueles muito altos ou muito baixos, com membros duplicados ou inexistentes, excessivamente cabeludos, gordos ou magros e outros casos. Assim, no *freak show*, a atração do espetáculo residia na simples observação da diferença destes indivíduos pelo público, que se divertia ao ridicularizar o corpo humano divergente. Tonezzi (2011) aponta, ainda, que esse estilo de espetáculo, além de exibir a imagem, também possibilitava a garantia de subsistência para esses sujeitos que em geral eram provenientes de classes sociais desfavorecidas, cujo principal meio de sobrevivência era conseguido por meio de esmolas.

Com a evolução da ciência e a catalogação das doenças e deficiências, a partir do fim do século XIX, estabeleceu-se o chamado “modelo médico da deficiência”, ou seja, médicos diagnosticavam e tratavam deficiências em busca da cura. Segundo Elizabeth Tunes, “tomar a doença como foco implica buscar sua eliminação como ação primeira, ficando a pessoa, portanto, em segundo plano” (2010, p. 52). Nesse sentido, o ônus de se ter qualquer tipo de deficiência física ou psíquica recaía sob a pessoa e/ou sua família, ou seja, os custos com tratamentos de saúde e demais ações para incremento de acessibilidade social eram de responsabilidade do indivíduo e seus familiares. Nem os Estados nem as sociedades se envolviam para criar soluções urbanísticas e legislações específicas voltadas para essa parcela da população, atitudes que reduziriam as barreiras sociais impostas às pessoas com deficiência.

Nos séculos XX e XXI, observa-se mudança de perspectiva tanto no sentido ético, político-social como epistemológico, e se evolui para um modelo social (posteriormente, pós-social) da deficiência. Como afirma Debora Diniz “a deficiência não é apenas fruto do acaso da natureza. Não deve ser vista como problema individual, fruto de tragédia pessoal ou de uma limitação corporal. Uma prova disso são os idosos, que experimentam a deficiência pelo desgaste gradual do corpo” (2007, p. 828). Reflexões como esta trazem um caráter mais coletivo e menos distante do cotidiano para os estudos da deficiência.

A partir dos teóricos do modelo social da deficiência, notadamente Paul Hunt, Débora Diniz (2007), nos conta que foram formadas as UPIAS, que são unidades que representavam pessoas com deficiência compostas, também, por pessoas com deficiência, o que foi decisivo para a representatividade do segmento e para a percepção de que “a deficiência não deveria ser entendida como um problema do indivíduo, uma tragédia pessoal, mas consequência dos arranjos sociais pouco sensíveis à diversidade” (DINIZ, 2003, p. 2). Desse modo, nas últimas décadas, em várias partes do mundo, surgiram associações, grupos e legislações voltados para a inclusão efetiva e afetiva das pessoas com

deficiência, buscando a representatividade e a busca pela independência e autonomia individual e social do segmento. Com o passar dos anos, percebeu-se a importância de que a representatividade incluísse questões de gênero, idade, identidade, sem desconsiderar, contudo, a importância do cuidado, o que cria uma co-dependência muitas vezes indispensável para a subsistência daqueles que apresentam condições mais severas. Diniz (2007, p. 64), diz que “a sobrevalorização da independência é um ideal perverso para muitos deficientes que jamais terão habilidades para a independência ou capacidade para o trabalho, não importa quantas barreiras sejam eliminadas”.

Diante da abertura das possibilidades de presença social de pessoas com deficiência, vislumbraram-se, então, novas relações entre a cena e a deficiência. A partir da segunda metade do século XX, o corpo deficiente em cena passou a ser visto como “propriamente cênico, com o qual, ou a partir do qual, uma cena autêntica pudesse se desenvolver” (TONEZZI, 2011, p. 60), não havendo assim nem a exibição ridicularizadora do “*freak show*” nem a necessidade do disfarce, nos espetáculos, dos corpos que se apresentavam diferenciados dos padrões estabelecidos. A respeito dessa nova perspectiva, Tonezzi (2011) diz que, a partir do último século, houve algo como uma “contaminação cênica pelas disfunções” que seriam agregadas às cenas, assim como estão agregadas à vida, considerando a grande quantidade de pessoas com deficiência nas sociedades desde sempre.

Tonezzi ressalta ainda que diretores, tais como o americano Robert (Bob) Wilson (ele próprio disléxico e gago) e o diretor italiano Pippo Delbono inseriram pessoas com deficiência em vários de seus espetáculos. Delbono, segundo Tonezzi, reflete que “os atores devem ser capazes de evidenciar sua história de vida, de exercitar uma autoexposição. Não precisam representar papéis, mas é necessário que sejam capazes de se mostrarem verdadeiramente, sem

nada esconder” (2011, p.3). Essa abordagem dialoga de modo importante com aspectos trabalhados pela *performance art*, surgida em meados do século XX, bem como com dispositivos de performatividade, como os “teatros do real” e a auto ficção, que contaminam boa parte da produção artística contemporânea.

PANORAMA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA RECENTE⁴

1. Teses e dissertações relacionando artes cênicas e deficiência 1997-2014 no Brasil

Em busca de mapear trabalhos acadêmicos e artigos que contemplam a relação artes cênicas e deficiência, partimos do levantamento já realizado no artigo “(Des)habilidades em cena: revisão e contextualização da produção acadêmica a respeito da participação da pessoa com deficiência nas artes cênicas” (2016), no qual as autoras Márcia Berselli e Marta Isaacsson apresentam um panorama das produções acadêmicas com/por/para pessoas com deficiência realizadas entre 1997 e 2014. Como explicam:

Tendo em vista o recorte da pesquisa, interessada em produções relativas a contextos cênicos, detivemos nossa busca em trabalhos desenvolvidos junto a Programas de Pós-graduação em Artes Cênicas, Artes e Dança. Assim, foram encontrados quinze trabalhos publicados nas plataformas mencionadas⁵. Ressaltamos que durante a investigação, realizada no segundo semestre de 2015, o Banco de Teses da CAPES disponibilizava apenas os trabalhos publicados nos anos de 2011 e 2012. (BERSELLI; ISAACSSON, 2016, p. 371).

As autoras ressaltam que os trabalhos foram produzidos em quatro categorias principais, organizadas em: práticas de formação (ensino-aprendizagem-sistematização de práticas); práticas de experimentação (experiências específicas do pesquisador); práticas de criação (poéticas e estéticas criativas compartilhadas

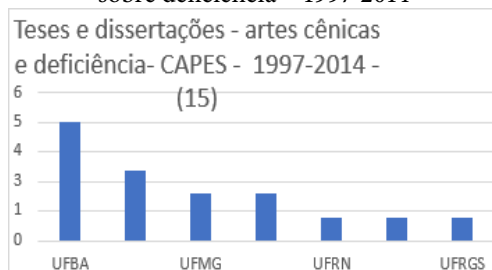
⁴ Algumas das pesquisas que originaram este artigo, constam na dissertação de Mônica Ferreira Gaspar de Oliveira, Processos composicionais de espetáculos com grupos misto-colaborativos (UnB-2020), orientada por Alice Stefânia e co-orientada por Lidia Olinto. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/40210> – Acesso em: 31.08.2023.

⁵ Banco de teses da Capes, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)⁸ e Portal de Periódicos da Capes.

com o público); e análise de grupos (procedimentos e estudos comparativos entre grupos), sendo predominantes as pesquisas na área da dança em comparação com a do teatro.

O gráfico abaixo apresenta a distribuição dos trabalhos em território nacional, nos anos de 1997 a 2014, conforme dados coletados pelas autoras, em que podemos notar que sete universidades em quatro regiões apresentaram pesquisas sobre o assunto, sendo que regiões Nordeste e Sudeste ofereceram a mesma quantidade de pesquisas (seis), com destaque para a UFBA (Universidade Federal da Bahia) que apresenta cinco trabalhos.

Gráfico 1 – Teses e dissertações sobre deficiência – 1997-2014

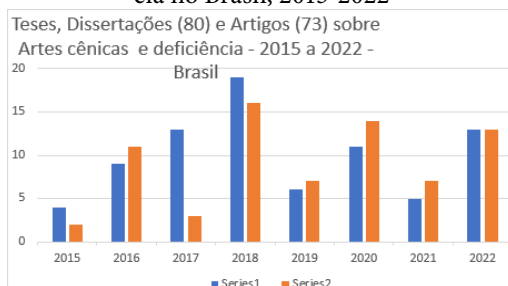


Fonte: Berselli e Isaacsson (2016, p. 371-3)

2. Teses e dissertações relacionando artes cênicas e deficiência 2015-2022 no Brasil

Em uma tentativa de atualizar a pesquisa das autoras⁶, entre 2015 e 2022 chegamos a 153 pesquisas, sendo 21 teses, 59 dissertações. Incluímos aqui também 73 artigos publicados no período no Brasil.

Gráfico 2 – Teses, dissertações e artigos Arte e deficiência no Brasil, 2015-2022



⁶ Considerando que não temos acesso aos exatos critérios de busca e refinamento de pesquisa das autoras evitamos comparações entre os resultados apresentados nos dois trabalhos.

⁷ Interseccionalidade é um termo criado pela professora, escritora feminista Kimberle Crenshaw (1989), que afirma que “a interseccionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos” (1989, p.10), quando se refere às barreiras hierárquicas de discriminações.

Fonte: Banco de teses da Capes, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Portal de Periódicos da Capes

Percebe-se aqui crescimento bastante significativo nas teses e dissertações, saímos de 15 entre 1997 e 2014 para 80 entre 2015 e 2022. A partir de 2017, já se nota um avanço na quantidade e o ano de 2018 contempla 19 delas. O gráfico nos mostra certa infrequência neste crescimento, porém não identificamos um motivo que justifique nem o avanço em 2018, ou o decréscimo em 2019 e nem a retomada em 2020, o primeiro ano do coronavírus, voltando a baixar em 2021 e a subir em 2022, agora sim, com o fim da pandemia.

Utilizando os critérios de teatro/dança e deficiência, no portal de periódico da CAPES Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Portal de Periódicos da Capes, com filtros relativos a diferentes deficiências, encontramos no período de 2015 a 2022, pesquisas sobre performance, grupos de teatro e dança e relações elenco/diretor, singularidades do corpo e seus caminhos encontrados nas diferentes propostas dramáticas, personagens com deficiência no teatro, TV e cinema, espetáculos com audiodescrição além de interseccionalidades⁷ entre corpos com deficiência e orientações sexuais e/ou de gênero.

Gráfico 3 – Teses e dissertações (80) de 2015-2022, por Região/Universidade



Fonte: Banco de Teses da CAPES, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de

Esse gráfico nos diz que houve, nacionalmente, uma difusão do tema. A pesquisa de Berselli; Isaacsson (2016) encontrou o assunto em apenas 7 universidades (1997 a 2014), passando para 32 delas entre 2015 e 2022. Destacam-se UNICAMP, UFRN e UNB que vêm continuamente produzindo sobre o tema. Acerca das duas últimas, salientamos as pesquisas sobre os grupos acessíveis Giradança/RN e Projeto PÉS/DF, ambos com mais de uma década contínua de ensaios e apresentações.

A partir desse levantamento traremos uma análise panorâmica breve primeiro de algumas teses e dissertações e depois dos artigos separando em grandes blocos dança e teatro, evidenciando aspectos que consideramos relevantes para campo pesquisado.

As pesquisas sobre dança debruçam-se em entrelaçamentos do corpo em movimento com diferentes deficiências, como autismo, visual e auditiva, e contemplam também trabalhos sobre audiodescrição, mediação e contato-improvisação. A grande maioria traz estudos de caso observados pelos pesquisadores, a exemplo da tese de Renata Ferreira dos Santos, defendida na UNICAMP em 2018, intitulada “Dança e sua influência no processo de desenvolvimento da resiliência e superação em pessoas com e sem deficiência”, a partir da qual são analisadas, por meio de pesquisa-participante e de questionários estruturados, diversas companhias de dança que trabalham também com pessoas com e sem deficiência, como: Companhia de Dança Loucurarte – Aracaju, Grupo de Dança sobre Rodas Corpo em Movimento – Niterói (RJ), Companhia Dança Sem Fronteiras – São Paulo (SP), dentre outras, para observar aspectos relacionais entre a dança e pessoas com deficiência. A autora conclui que, embora não pudesse afirmar categoricamente ser a dança a responsável pelas transformações notadas pelas pessoas entrevistadas “a grande contribuição da dança para os bailarinos que participaram desta pesquisa pode ser resumida em duas simples palavras, que carregam grandes e fortes significados: superação e inclusão” (SANTOS, 2018,

p.175).

Outra tese sobre dança (ALBARRAN; SILVA; CRUZ, 2017), empreendeu um levantamento das pesquisas sobre dança e deficiência visual entre 1996 e 2016, bem como a entrevista de um grupo de mulheres adultas cegas ou com baixa visão integrantes de companhias profissionais de dança clássica, visando a conhecer como transcorre a opção pelo ofício da dança em que pese a deficiência, além de observar como são adaptados e vivenciados os processos para desenvolvimento das técnicas de estar no palco. A tese conclui que a dança clássica foi um fator motivacional e de inclusão social para as entrevistadas.

As pesquisas sobre teatro também contemplam cenas e criações com atores com singularidades físicas, sensoriais ou intelectuais, jogos teatrais e suas adaptações para e com pessoas com deficiência, formação e importância de intérprete de libras, audiodescrição, investigação de diferentes processos teatrais como linguagem para/com/por pessoas com deficiência ou possibilidades de interação entre dispositivos e pessoas com deficiência, tal como a tese de Eduardo de Andrade Oliveira, defendida na (PUC – Rio/2018), na qual o autor ressalta o Teatro de Bonecos como mediador de comunicação com pessoas com Síndrome de Down, em uma associação no Rio de Janeiro. Como *designer*, durante a pesquisa, o autor propôs e observou a confecção (modos de fazer), os modos de brincar e de interagir com eles a partir dos quais pôde avaliar o interesse e o desenvolvimento das pessoas em relação aos bonecos. A investigação constatou que os alunos(as) que mais se interessaram apresentaram resultados mais significativos, como acontece com quaisquer pessoas, tendo ou não deficiência diagnosticada.

Na tese de Marcia Berselli (UFRGS/2019) está contido o artigo que aponta os trabalhos relacionando teatro e deficiência até 2014, citado anteriormente. Os demais capítulos da tese de Berselli debruçam-se sobre norteadores atitudinais e técnicos compreendidos como indicadores para que a cena possa ser considerada acessível e inclusiva, como a presença cênica ou a desestabilização do fazer teatral com pessoas com deficiência, observando e “modos de

trabalho que prezam pela visibilidade de todas as etapas do processo criativo e pela participação do coletivo nas decisões” (BERSELLI, 2019, p.01). Para tanto, Berselli observa dois grupos, o brasileiro Giradança (RN) e o canadense *Bureau de l'APA* que contam em seu elenco com pessoas com e sem deficiência, além de uma investigação por ela considerada empírica de uma oficina realizada na Universidade de Santa Maria, chamada “Teatro Flexível”, formada por um grupo de mulheres com e sem deficiência. Depois de atravessar percepções sobre a deficiência na história, além de pesquisas acadêmicas sobre artes cênicas e deficiência, prioritariamente auditiva, apresentadas até 2014, Berselli problematiza aspectos que podem ou não contribuir para o efetivo estado de presença das pessoas com deficiência em cena nos grupos observados. A tese afirma em sua conclusão: “a potência das artes cênicas como lugar de encontro com a diferença e do convívio em cena como lugar de coexistência da singularidade e da pluralidade” (BERSELLI, 2019, p. 280).

Há ainda uma tese (ALVES, 2018) e uma dissertação (TAILADE, 2018) ambas da Universidade Estadual do Ceará sobre o mesmo objeto de pesquisa de 2018, o espetáculo *Miralu e a Luneta encantada* acerca da audiodescrição do espetáculo. Salientamos que a audiodescrição e a tradução em libras são foco de doze pesquisas envolvendo deficiência visual ou auditiva, o que consideramos ser pauta indissociável de uma arte que se pretende acessível.

Destacamos, a dissertação de Emerson T. Yamaguti (2022), que apresenta uma profunda reflexão que converge na observação da interseccionalidade de pessoas com corpos singulares e orientação sexual LGBT:

Na história, os corpos LGBT e das PCD foram e ainda sofrem as consequências da intolerância e o preconceito sociais, perpetuando na era contemporânea a saga da rejeição e negação. Por um lado, corpos pluriformados, tutelados, não emancipados, estigmatizados, assexuados e do outro corpos marginalizados pelo desejo, pela heteronormatividade, pela hegemonia de gêneros, criando fissuras e tensionamento impostos

pelo regime discursivo dominante. As diferentes formas de ser do corpo remetem a pensar novas premissas e a consequente desestabilização da norma hegemônica, levando a refletir sobre a universalidade dos corpos.”(YAMAGUTI, 2022, p. 41).

O autor reflete sobre as discriminações se somarem constituindo-se em barreiras sociais, atitudinais e políticas ainda mais difíceis de serem transpostas:

3. Artigos em periódicos nacionais entre 2015-2022 sobre artes cênicas e deficiência⁸

Durante o processo de pesquisa, em que localizamos os 73 artigos publicados no Brasil, entre 2015 e 2022, encontramos escritos sobre dança, teatro, literatura, cinema, alteridade, adoecimento crônico, sempre relacionados à deficiência. Os artigos sobre dança e deficiência incluem capoeira, dançaterapia, formação de professores de educação física em escolas especiais, dança e deficiência visual e estudos de caso relacionando dança e autismo, como o trabalho de Elaine Silva e Rosimeire Orlando, publicado na revista *Educação Especial*, da Universidade de Santa Maria, RS, em 01 de julho de 2019, intitulado “A interface dança e autismo: o que nos revela a produção científica”, que analisa produções acadêmicas recentes, quatro trabalhos entre 2013 e 2015, os quais relacionam os dois temas observando que “de forma geral os estudos encontrados objetivaram analisar a dança como forma de desenvolvimento da comunicação, interação social e afetiva e de reabilitação motora.” (ORLANDO, 2019, p.,1)

Os artigos sobre teatro interrelacionam teatro e deficiências diversas, audiodescrição, experimentos de atores, diretores e acessibilidade e seus corpos singulares, ao exemplo do trabalho de Jefferson Fernandes Alves:

a presença das pessoas com deficiência visual como provocação, em que observa a audiodescrição no teatro enquanto elemento mediador e a presença de pessoas com baixa visão ou cegas em espetáculos teatrais como um exercício da

⁸ Cabe lembrar que parte desses artigos são capítulos de teses ou dissertações adaptados para publicação em periódicos.

convivialidade como potência de problematização e de reinvenção das formas de sermos e estarmos no mundo. ALVES, Jefferson. *Urdimento* (v. 1, n. 34, p. 163, mar./abr. 2019)

Nesse percurso, destacam-se as dramaturgias e as montagens bilíngues (libras – português) escritas por autores surdos que vêm encenando e dirigindo espetáculos. Como Lucas S. Resende (2020) que aborda o Teatro Surdo Brasileiro, o qual tem apresentado formas de criação de uma dramaturgia sinalizada pela Língua Brasileira de Sinais, argumenta que: “podemos falar da dramaturgia sinalizada em língua de sinais, que se mostra como um diálogo-narrativa que apresenta o espetáculo teatral-surdo” (RESENDE e REIS, 2020, p. 81). Integrantes do Teatro Surdo Brasileiro registram, estudam e constroem espetáculos com pessoas surdas, apresentados de forma bilíngue – português sinalizada por libras.

Para ratificar o significativo aumento do interesse em pesquisar este campo, localizamos três edições especiais com dossiês dedicados ao entrelaçamento da arte cênica e a deficiência, as quais apresentam, cada uma, cerca de 10 artigos registrando abordagens diferentes sobre especificidades entre corpos diversos em cena. A revista *Pitágoras 500*, da Unicamp, que em 2018 (v. 8 n. 2 (2018): [15]: jul./dez) publicou um dossiê chamado *Teatro e acessibilidade*, no qual “aborda o contexto de criação estética como contribuição de artistas portadores de deficiência e como tais trabalhos são fundamentais para se diminuir o preconceito e a exclusão.” (NEVES, 2018, p. 01). Outro dossiê temático foi publicado na revista *Ephemerá* (v. 3, n. 5, maio/ago. 2020), que trouxe o “Dossiê Corpos e Deficiência em Cena, para além da inclusão e da acessibilidade”, no qual constam nove artigos de pensadores(as) brasileiros(as) e estrangeiros(as) sobre a deficiência em cena e em 2022, a Revista Científica/FAP da Faculdade de Artes do Paraná, lançou o dossiê *Arte e Acessibilidades: conceitos e práticas em aproximação* (vol.27- 2.jul-dez-2022) que, segundo seus organizadores “reúne investigações e experiências em torno das múltiplas dimensões da Acessibilidade, considerando suas relações com

as diferentes linguagens artísticas nos âmbitos da criação, mediação e formação.” (SÉRIO, PINHEIRO, 2022, p. 09).

A grande maioria das pesquisas registram experiências dos autores fortalecendo um campo no qual cada escritura reverbera uma abertura a amplificar a presença e questionar as possibilidades, criar oportunidades e brigar pela remoção das barreiras ainda impostas a este segmento. E temos que lidar com o fato de que um percentual de menos de 5% dos artigos ou pesquisas são escritos por pessoas com deficiência, a exemplo da já citada dissertação de Yamaguti (2022); ou ainda o artigo de Lucas S. Resende (2020) sobre um espetáculo apresentado no contexto do teatro surdo brasileiro que contava com atores e diretor surdos e teve o registro da experiência escrito por um ator surdo e ainda o artigo do artista e professor da Universidade Federal da Bahia, conhecido como EduÓ:

Percebo de forma bastante evidente que mesmo artistas com deficiência que de alguma maneira conseguem furar o cerco e entrar nos espaços da Dança, e eu me incluo entre eles, ainda somos considerados, na maioria dos eventos, à parte. Persiste a abordagem do exótico, especial, diferente, extraordinário que significa estar fora do ordinário, da ordem, da norma. (CARMO, 2018, p. 55)

4. Artigos publicados em periódicos internacionais – 1997-2020

Com o intuito de mapear também as pesquisas internacionais, Berselli e Isaacsson encontraram no mesmo período (1997 a 2014) 17 artigos, apresentando “um panorama mais geral acerca de práticas cênicas com pessoas com deficiência. Mantendo o recorte em busca de teses e dissertações, centramos a pesquisa na plataforma Portal de Periódicos da Capes” (BERSELLI; ISAACSSON, 2016, p. 371). Nesse levantamento, as pesquisadoras apontaram a predominância da língua inglesa. Os principais assuntos abordados foram por elas identificados, tratando de composição de elenco, corporidades, organização de grupos, instrutores, implicações estéticas e éticas, além da função

do diretor em tais grupos (BERSELLI; ISAACSON, 2016).

Em uma tentativa de atualizar esse trabalho quanto às pesquisas internacionais, observando apenas o portal de periódicos da Capes, a partir das palavras-chave (*Theatre or dance and disability*), através de busca avançada mesmo dispensando algumas pesquisas essencialmente sobre educação, psicologia ou medicina, chegamos a 76 artigos publicados.

Gráfico 4 – Artigos sobre arte e deficiência em revistas internacionais – (2015–2020)



Fonte: Portal periódicos – CAPES.
Acesso em: 29 set. 2020.

Comparando os gráficos dos artigos no Brasil e nos exterior sobre o assunto, percebe-se que o pico de estudos lá fora aconteceu em 2017 e aqui em 2018, inferimos que provavelmente haja um reflexo dessas pesquisas nas publicações nacionais.

Cabe destacar o dossiê temático da revista *Research in Drama Education: The Journal of Applied Theatre and Performance*, que dedicou o seu volume 22, em 3 de julho de 2017, com 16 artigos de diversos países, como Austrália, Índia, Israel, Espanha, Canadá, Brasil, entre outros, à interrelação entre artes cênicas e deficiência a partir de estudos de casos, reflexões acerca de acessibilidade, inclusão escolar, políticas públicas em diferentes experimentos ao redor do mundo. Das publicações não constantes da revista citada acima, 17 são sobre dança e deficiência, que estudaram espetáculos e grupos observando, prioritariamente, a relação do corpo com deficiência e a dança, bem como, estilos adotados por coreógrafos nesses grupos, pesquisas sobre dança para e com crianças com deficiência, além de, por meio de investigações de

pensadores de outras áreas como o antropólogo britânico Tim Ingold, repensem cenicamente questões relativas à deficiência como ocorre em *On Footwear and Disability: A Dance of Animacy?*, publicação na qual os autores tomaram a abordagem morfogenética de Ingold para problematizar historicamente a construção de sapatos, confrontando um caso conhecido do repertório cultural chinês, os pés amarrados em sapatos de lótus, com a construção de calçados para pessoas com deficiência. O artigo reflete sobre o que se encontra na dança da animação, algo como um sapateado, uma vez que, na interseção sapatos-pés-chão, a deficiência é sentida e articulada na materialidade que sustenta tais corpos (DEVLIEGER; PATRICK; DE COSTER, JORI, 2017).

Nos trabalhos voltados para a subárea do teatro são abordados temas relacionados ao corpo e à deficiência em cena, além de espetáculos que exploram diversidades físicas, intelectuais, visuais, auditivas, em sua grande maioria, apresentando estudos de caso, além de análises a respeito da recepção do público a elencos compostos por pessoas com e sem deficiência. Um dos trabalhos que destacamos é *Polio monologues: translating ethnographic text into verbatim theater* (SHAH, S.; GREER, S. (2018)⁹, no qual a autora, que é sobrevivente de poliomielite, resolve escutar as pessoas que também foram acometidas por um surto de pólio, durante a epidemia no Reino Unido nas décadas de 1940 e 1950, escrevendo, assim, o seu artigo. Contou ainda com a colaboração da Companhia de Teatro Birds of Paradise, realizou *workshops* para contar as histórias de vida dos sobreviventes, por meio depoimentos gravados em um vídeo.

Há ainda um estudo inglês sobre teatro de marionetes para e com pessoas com deficiência intitulado *Barriers to inclusive education in Greece, Spain and Lithuania: results from emancipatory disability research*. Nessa abordagem, a pesquisadora italiana ngela Gênova entrevistou 58 jovens com deficiência, da Espanha, Lituânia e Grécia, cujos dados foram coletados por meio da abordagem do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, como metodologia de educação para

⁹ O vídeo pode ser assistido em: <https://youtu.be/kD-tBrbe7Ng>. Acesso em: 26 jan. 2023.

o desenvolvimento de jovens com deficiência.

Acerca do olhar do diretor destacamos uma pesquisa da Noruega denominada de *Kor e dæm rare? : om å lede en teaterprosess med utviklingshemmede og funksjonsfriske skuespillere som likemannsarbeid*¹⁰ em que Ragnhild Birgith Arntsen explicita o seu processo de direção de atores em um grupo chamado por Arnsten de grupo integrado (*en integrert gruppe*), o qual é voltado à construção de uma performance. A pesquisadora reflete sobre a sua relação com o coletivo, em especial com as pessoas que apresentavam deficiência intelectual, e reconhece, como desafio, conseguir manter o planejamento prévio das cenas do espetáculo ao trabalhar com pessoas com deficiência intelectual, pois o percurso do ensaio pode levar a um caminho distante da ideia original (ARNSTEN, 2015, p. 72).

Na grande maioria dos trabalhos observados para este artigo, pudemos perceber que a construção dos espetáculos não parte de um planejamento prévio das cenas, uma vez que os roteiros são criados em sala de ensaio com a liberdade de não se aterem a marcações ou coreografias previamente determinadas e determinantes dos comportamentos de suas atrizes, atores e dançarinos.

CONCLUSÃO

Diante desse levantamento que, muito provavelmente, não abarca a totalidade das pesquisas e artigos publicados nos períodos salientados, e ainda assim mostra um aumento quantitativo expressivo de 2015 para cá. No Brasil, entre 1994-2014 – 15 teses/dissertações.

Entre 2015 e 2022 – 80 teses/dissertações, além de 73 artigos publicados em periódicos.

Pesquisas internacionais: entre 1994-2014, 17 artigos, e entre 2015-2020, 76 artigos publicados em revistas internacionais.

Esse aumento reflete um ganho qualitativo pois se percebe o interesse em problematizar, analisar, divulgar e traçar caminhos para que a cena, os palcos e a sala de aula sejam espaços ocupados também por pessoas com seus corpos

e comportamentos considerados atípicos e assim se desenhe uma cena cada vez mais plural.

Observou-se uma quantidade relevante de pesquisas que ressaltam experiências vivenciadas pelos pesquisadores em grupos, bem como o acentuado registro relatando a importância da audiodescrição como ferramenta para formação de plateia por pessoas com deficiências auditivas ou visuais, além de garantir empregabilidade em um segmento com tanto desemprego. Notou-se ainda, neste levantamento, que é ainda relativamente pequena a quantidade de pesquisadores com deficiência que publicou seus trabalhos tanto em universidades (teses e dissertações) quanto em periódicos (artigos).

“Esperançemos” que tantas pesquisas sobre o tema desenvolvidas nas nossas universidades e publicadas em revistas conceituadas de todas as regiões do país e no exterior possam se refletir em uma efetiva mudança, não só em termos de acessibilidade a bens culturais, como também a presença de pessoas com seus corpos e comportamentos singulares esteja nos palcos, nas salas-de-aula, nos ambientes de arte, educação, lazer e cultura, ocupando todos e quaisquer espaços em nossa sociedade de uma forma cada vez mais bem-vista e bem-quista para que possamos juntos compor uma cena que se proponha a ser cada vez menos capacitista.

¹⁰ (em tradução livre: “Sobre como liderar um processo teatral com atores com e sem deficiência e de desenvolvimento como trabalho de pares”).

REFERÊNCIAS

ALBARRAN, Patrícia Osadon; SILVA, Daniele Nunes Henrique; CRUZ, Eva Aparecida Pereira Seabra da. A dança e as pessoas com deficiência visual: uma análise de vinte anos de produção acadêmica brasileira. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, SC, v. 52, p. 1–

2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/2178-4582.2018.e49282> Acesso em: 13 mar. 2023.

ALVES, J. F. Acessibilidade e Teatro: a presença das pessoas com deficiência visual como provocação. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1, n. 34, p. 161-171, 2019- Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101342019161>. Acesso em: 13 mar 2023.

ALVES, Marina. Dança Sensorial : metodologias de ensino e aprendizagem e sua aplicação em um processo de criação em dança para pessoa com deficiência visual/UFPA/TESE — 2022. Disponível em: https://sigaa.ufpa.br/sigaa/public/programa/noticias_desc.jsf?lc=pt_BR&id=289¬icia=9953006 – Acesso em 13 mar 2023.

BARTHOLO, R.; TUNES, Elizabeth, *Nos limites da ação: preconceito, inclusão e deficiência-* EdUFSCar, 2010, SP.

BERSELLI, M.; ISAACSSON, M. (Des) habilidades em cena: revisão e contextualização da produção acadêmica a respeito da participação da pessoa com deficiência nas artes cênicas. *Urdimento - Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 2, n. 27, p. 364-380- 2016 – Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/8435> - Acesso 13 mar 2023.

BERSELLI, Marcia. *Abordagens à cena inclusiva: princípios norteadores para uma prática cênica acessível*. 2019. 298 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/197213#:~:text=Toma%2D>

se%20como%20pressuposto%20%C3%A0,aos%20saberes%20artesanais%3B%20bem%20como. Acesso em 13 mar 2023.

CRENSHAW, K. Documento sobre a Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. 2012. p.7-16. Disponível em: <https://static.tumblr.com/7symefv/V6vmj45f5/kimberle-crenshaw.pdf> - Acesso em: 07 mar 2023.

DEVLIEGER, Patrick; COSTER, Jori de. On footwear and disability: a dance of animacy? *Societies*, v. 7, n. 16, jun. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317716296_On_Footwear_and_Disability_A_Dance_of_Animacy - Acesso em 13 mar 2023.

DINIZ, Débora. Deficiência, saúde pública e justiça social. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 15(3): 823-841, setembro-dezembro/2007. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000300020/1487> - Acesso em 13 mar 2023.

DINIZ, Débora. *O que é Deficiência?* São Paulo: Brasiliense, 2007.

DO CARMO, C. E. O.; DE CASTRO, F. C. D. Desconstrução da bipedia compulsória na Dança. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 059-084, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/17998>. Acesso em: 13 mar. 2023.

GENOVA, Angela. Barriers to inclusive education in Greece, Spain and Lithuania: results from emancipatory disability research. *Disability & Society*, v. 30, n. 7, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09687599.2015.1075867?scroll=top&needAccess=true&journalCode=cldso20+gen&>. Acesso em: 13 mar 2023.

OLIVEIRA, Eduardo de Andrade. *Plano bonecos: modos de fazer, modos de brincar e modos de pensar: metodologia participativa dentro de um grupo com diversidade intelectual*. 2018. 244 f. Tese (Doutorado em Design) – Pontifícia Univer-

cidade do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=52671@1>. Acesso em 13 mar 2023.

RESENDE, Lucas Sacramento & REIS, Maria da Glória M. dos. Teatro surdo brasileiro: considerações sobre a elaboração da dramaturgia sinalizada em libras, Revista Espaço, JUL-DEZ-2020 – Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1627/1601> - Acesso em 13 mar 2023.

RESENDE, L. S. Tradução teatral: produzindo em Libras no teatro surdo. 2019. 94 f., il. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) — Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal.

SANTOS, Renata Ferreira dos, 1990-TESE - Dança e sua influência no processo de desenvolvimento da resiliência e superação em pessoas com e sem deficiência -Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_dd43622e-90163101dbcb9723fed9ad3 - Acesso em 13 mar 2023.

SHAH, S., & GREER, S. (2018). Polio monologues: Translating ethnographic text into verbatim theatre. *Qualitative Research*, 18(1), 53–69. - Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/313861925_Polio_Monologues_Translating_ethnographic_text_into_verbatim_theatre - Acesso em 13 mar 2023.

SILVA, E. de C., & Orlando, R. M. (2019). A interface dança e autismo: o que nos revela a produção científica. *Revista Educação Especial*, 32, e61/1–18. - Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/33121#:~:text=De%20forma%20geral%20os%20estudos,afetiva%20e%20de%20reabilita%C3%A7%C3%A3o%20motora> – Acesso em 13 mar 2023.

SILVA, Otto Marques da. *A Epopéia Ignorada : A pessoa Deficiente na História do Mundo de Ontem e de Hoje*. São Paulo : CEDAS, 1986.

TONEZZI, José. A cena contaminada: um teatro das disfunções. São Paulo: Perspectiva, 2011.

TONEZZI, José. Cena e Contágio: o caso da companhia de arte intrusa. Revista Percevejo, v3, n.2, 2011 – Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/1922> - Acesso 27.03.2023.

YAMAGUTI, Emerson Takumi. Os mares revoltos de luta, resistência e beleza: a arte na transformação do silêncio em linguagem e ação dos corpos gays com deficiência – Dissertação – UFSCAR – 2022 - <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16382> - Acesso em 07 mar 2022.

Periódicos:

Ephemera, Revista do programa de pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto/MG - v. 3 n. 5 (2020): ago. 2020 - Dossiê Corpos e Deficiência em Cena. – Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/ephemera/article/view/4426> - Acesso em 13 mar 2023.

Research in Drama Education: The Journal of Applied Theatre and Performance, Volume 22, Issue 3 (2017) – Disponível em <https://www.tandfonline.com/toc/crde20/22/3?nav=tocList> – Acesso em 13 mar 2023.

Revista Científica/FAP -UNESPAR - v. 27 n. 2 (2022): Dossiê Arte e acessibilidades: conceitos e práticas em aproximação - Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/index> - Acesso em 13 mar 2023.

Revista Pitágoras 500, dossiê Teatro e Deficiência – nov-2018 - Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/issue/view/1568>- Acesso em 13 03 2023.

Abstract

The article presents brief considerations about people with disabilities in the history and performing arts, in addition to the result of a search carried out, primarily, in the database of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel – Capes, on research on performing arts and disabilities in Brazil between 2015-2022 and abroad between 2015-2020, bringing a small summary of some of these works.

Keywords

Deficiency. Theater. Researches.

Recebido em: 28 mar 2023

Aceito em: 29 ago 2023

Publicado em: 30 out 2023